

SÃO PAULO DE TODOS OS TEMPOS

Geraldo Nunes*

O princípio da adaptabilidade e as calçadas de São Paulo

Quase 24% dos brasileiros, ou seja, 45 milhões de pessoas possuem algum tipo de deficiência, segundo o IBGE. A lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, estabeleceu às empresas de grande porte, a obrigatoriedade da abertura de cotas para a contratação de até 5% de pessoas portadoras de necessidades especiais, com idade acima de 18 anos em seus quadros funcionais



No País todo, entretanto, segundo dados da última edição da Rais, a lei não está sendo cumprida porque apenas 403.255 pessoas nessas condições estão empregadas, o que corresponde a menos de 1% do segmento. Motivos para isso são vários, um deles é a falta de qualificação profissional.

Mas há outras razões como a dificuldade de algumas empresas em se adaptar às regras estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT para a implantação de rampas, alargamento de portas, inclusive de elevadores, algo problemático em edifícios mais antigos e ainda, banheiros e mesas adaptados aos cadeirantes.

Há outros problemas ainda, mas uma situação que traz dificuldade a todos é a de como chegar ao local de trabalho. Fora a questão do transporte público, um outro risco inerente é o da má condição das calçadas. Uma reportagem publicada pela Revista Nacional de Reabilitação - Reação, em agosto último, trouxe a elaboração de um plano para melhorar a acessibilidade na cidade de São Paulo. Desenvolvido pela prefeitura, o objetivo é padronizar as calçadas nos moldes do que já existe em avenidas como a Paulista e Brigadeiro Faria Lima.

“O secretário municipal da Pessoa com Deficiência, Cid Torquato, diz que a cada ano acontecem 100 mil acidentes com pessoas nas perigosas e irregulares calçadas paulistanas, sejam elas portadoras de deficiência ou não, com prejuízos que chegam a R\$ 600 milhões com gastos médicos”, informa a revista ao concluir: “Ninguém aguenta mais o problema das calçadas de São Paulo”.

As calçadas esburacadas e irregulares afetam todos os moradores sem distinção e o plano da prefeitura é, padronizar inicialmente, entre 15% a 20% do total das calçadas de São Paulo por onde passam 80% do tráfego diário de pedestres, mas prazos para isso ainda não estão definidos. Enquanto uma solução final não acontece recomendamos, de nossa parte, um princípio que tem por base uma palavra a ser colocado em prática: adaptabilidade.

Para explicar, é preciso voltar no tempo e contar uma história particular enfrentada por nós ainda na década de 1960. Por sermos portadores de uma deficiência física adquirida na infância, aprendemos nos cursos de reabilitação que, para o uso de aparelhos ortopédicos



Avenida Brigadeiro Faria Lima, após a Eusébio Matoso, direção sul: exemplifica a ser seguido.

teríamos que enfrentar situações adversas ao andar pelas ruas quando sozinhos.

“Procure observar primeiro a situação do piso onde vai caminhar para evitar quedas. Se não encontrar formas de prosseguir, peça ajuda com humildade. Faça o mesmo nas conduções. No recinto onde estiver evite pisar em tapetes que deslizam e derrubam a pessoa, etc”.

Mas isto foi há mais 50 anos, quando ainda não se discutiam questões ligadas aos direitos de acessibilidade a todos os cidadãos.

Diante da situação em que se encontram as calçadas, especialmente nos

bairros, o princípio da adaptabilidade voltou por nós a ser lembrado e merece ser pensado por todos, em especial os portadores de deficiência e pelos idosos.

Um grande exemplo da importância da adaptabilidade foi transmitido em épocas ainda mais remotas pelo Engenheiro Marsilac, que dá hoje nome a um bairro da zona sul de São Paulo, vizinho do Grajaú, de Parelheiros e Embu-Guaçu. Seu nome batiza o bairro, por causa da estação de trem que projetou para uma antiga linha da Sorocabana.

Um ativo participante da Revolução Constitucionalista de 1932, José Alfredo Marsilac foi atingido por uma granada e ficou praticamente cego, restando-lhe apenas um por cento da visão. Mesmo assim continuou trabalhando em projetos que serviriam de base para a construção de novas pontes e túneis. Marsilac que tocava piano, escreveu ao longo da vida, um livro de poesias e outro sobre deficiência visual. Neste seu segundo livro, Marsilac explica como continuou trabalhando como engenheiro mesmo sem enxergar. Disse ele

que para muitos parecia estranho, mas que tudo é muito simples.



Citando o filósofo francês Bergson, disse: “A característica mais profunda da vida é a adaptabilidade que permite ao ser humano ir se adaptando ao meio em que vive, seja ele do jeito que for. O homem usa a inteligência e cria o habitat, esteja ele ou o ambiente, em que condições estiver”. As lições de Marsilac, aprendidas na infância, nos serviram de apoio para a nossa trajetória de jornalista, iniciada em dezembro de 1978, na Rádio Jovem Pan.



Agora, ao completarmos 40 anos de profissão ficando lembrando passagens vividas ao longo de nossa carreira, onde sempre trabalhamos com carteira assinada sem nunca ter feito uso da lei de cotas. Uma das razões do nosso resultado profissional positivo é o princípio da adaptabilidade que adquirimos na infância.

Os tempos agora são outros, mas os exemplos da adaptabilidade estão precisando novamente ser levados em prática para quem quiser conviver mais facilmente com esta cidade cheia de ruas e calçadas esburacadas.

(* Geraldo Nunes, jornalista e memorialista, integra a Academia Paulista de História. (geraldo.nunes1@gmail.com).



Divulgação/Internet



Divulgação/Internet